

O Livro¹

por H. P. Lovecraft (trad. KA-AK-KIM)

Escrito por volta de 1934

Minhas memórias estão muito confusas. Há duvida até mesmo sobre onde elas começam; pois às vezes eu experimento visões aterradoras dos anos se estendendo no passado, ao passo que em outras horas é como se o momento presente fosse um ponto isolado em uma infinidade cinzenta, disforme. Eu não estou certo nem mesmo sobre como eu estou transmitindo esta mensagem. Enquanto eu sei que eu estou falando, eu tenho uma vaga impressão de que alguma estranha e talvez terrível intercessão será necessária para levar o que eu digo aos pontos em que eu mais desejo ser ouvido. Minha identidade, também, está assombrosamente obscura. Parece-me que sofri um grande choque - talvez em consequência de alguns ciclos de experiência únicos, incríveis e completamente monstruosos.

Esses ciclos de experiência, obviamente, têm ligação com aquele livro misterioso e enigmático². Eu me lembro quando o descobri - em um lugar parcamente iluminado próximo ao rio negro, oleoso, onde as névoas sempre andavam se contorcendo³. Aquele lugar era muito velho, e as estantes que subiam ao teto cheias de volumes apodrecendo se estendiam infinitamente por salas internas e alcovas sem janelas. Havia, além disso, grandes pilhas disformes de livros no chão e em toscas arcas; e foi em uma dessas pilhas que eu achei a coisa. Eu nunca soube qual era o seu título, posto que as páginas iniciais estavam faltando; mas ele como que caiu meio aberto em uma das últimas páginas e me concedeu um rápido relance de algo que me deixou um pouco tonto.

¹ Descoberto entre os papéis de Lovecraft, este e mais três fragmentos (*Azathot*, *The descendent* e *The thing in the moonlight*) são provavelmente formas rudimentares de idéias transcritas pelo autor, em diálogo consigo mesmo. O próprio Lovecraft chega a afirmar em cartas e ensaios que costumava pôr no papel alguns de seus sonhos para, em seguida, trabalhá-los progressivamente. (Cf. "A Tumba... e outras histórias", livro de contos publicado pela Editora Francisco Alves, e "Notas quanto a escrever ficção fantástica", em tradução de Renato Suttana.) [N.T.]

² A expressão original é "worm-riddled". A tradução preza pelo sentido geral do termo. [N.T.]

³ No original, "where the mists always swirl". [N.T.]

Havia uma fórmula - um tipo de lista de coisas a serem ditas e feitas - a qual eu reconheci como algo negro e proibido⁴; algo que eu tinha lido de passagem antes em parágrafos furtivos de aversão misturada a fascinação redigido por um desses velhos pesquisadores dos segredos mais bem guardados do universo, de cujos textos abandonados eu adorava me embeber. Era uma chave - um guia - para certos portais e transições com as quais os místicos sonhavam e sussurravam desde que a raça era jovem, e que conduzem a liberdades e descobertas além das três dimensões e reinos da natureza e assuntos que nós conhecemos. Por séculos nenhum homem recordou-se de sua substância vital ou soube onde encontrá-la, mas este livro realmente era muito velho. Nenhuma prensa tipográfica, mas a mão de algum monge meio-louco, tinha traçado estas frases latinas ameaçadoras em arcaicos e impressionantes unciais.

Eu me lembro de como o velho homem olhava de soslaio e ria-se malicioso, e de como fez um sinal curioso com a mão dele quando eu levei comigo o objeto. Ele se recusou a receber pelo livro, e só muito depois eu realmente entendi porquê. Conforme eu corria esbaforido para casa por aquelas ruelas estreitas, enevoadas da zona portuária, tive uma impressão assustadora de estar sendo seguido sub-repticiamente por passos leves e suaves. As seculares, vacilantes casas de ambos os lados pareciam vivas com uma nova e mórbida malignidade - como se um túnel demoníaco tivesse sido abruptamente aberto. Eu sentia que aqueles muros e cumeeiras salientes de tijolos mofados e rebocos e vigas cheios de fungos - com janelas em forma de olhos, painéis de diamantes que me olhavam de soslaio - simplesmente não podiam deixar de avançar e cruzar meu caminho... ainda que eu tivesse lido apenas um pequeno fragmento daquela runa blasfema antes de fechar o livro e trazê-lo comigo.

Eu me lembro como, afinal, eu li o livro - empalidecido, e trancado no sótão que eu por muito tempo havia dedicado às minhas estranhas investigações. O casarão estava muito quieto, e eu não subi antes da meia-noite. Acho que, naquela época, eu tinha uma família - conquanto os detalhes sejam muito incertos - e sei que havia muitos criados. O que não posso dizer é qual era o ano; já que desde então eu conheci as mais diversas eras e dimensões, e tive todas minhas noções de tempo dissolvidas e remodeladas. Foi à luz de

⁴ No original, a expressão usada, “black and forbidden”, refere-se à sua relação com a magia negra (black magic). A tradução optou por manter o termo autoral, ao invés de uma tradução mais livre. [N.T.]

velas que eu li - eu recordo o gotejar implacável da cera - e havia carrilhões que vinham daqui e dali de campanários distantes. Eu parecia perscrutar esses carrilhões com um interesse peculiar, como se eu temesse ouvir uma nota muito remota, intrometendo-se entre eles.

Então veio o primeiro murmúrio arranhado e desajeitado na água - furtada, que chamou a atenção para o alto dos outros telhados da cidade. Veio enquanto eu declamava em voz alta o nono verso do primeiro canto, e eu soube em meio ao meu estremecimento o que significava. Pois aquele que atravessa o portal sempre ganha uma sombra, e nunca novamente pode ele ficar só. Eu tinha evocado - e o livro era, de fato, tudo o que eu suspeitei. Naquela noite eu atravessei o portal até um vórtice de tempo e fantasia entrelaçados, e, quando a manhã me encontrou no sótão, eu vi nas paredes e nas estantes e nos objetos algo que eu jamais vira antes.

Nem eu poderia ver o mundo mais com os mesmos olhos. Sempre misturado com a cena presente estaria um pouco do passado e um pouco do futuro, e todo e qualquer objeto que antes me fosse familiar aparentava alheio⁵ na nova perspectiva trazida por minha visão ampliada. Dali em diante eu vaguei por um sonho fantástico de formas desconhecidas e meio-conhecidas; e a cada novo portal cruzado, ainda menos claramente eu podia reconhecer as coisas da esfera estreita à qual tanto tempo eu estive limitado. O que eu vi de mim mesmo, nenhum outro viu; e eu me tornei duas vezes mais silencioso e arredio temendo ser visto como um louco. Os cachorros tinham medo de mim, porque sentiam a sombra exterior que nunca saía de meu lado. Mas eu li ainda mais - em livros escondidos, esquecidos e pergaminhos para os quais minha nova visão me conduzia - e avancei por novos portais do espaço e do ser e dos padrões da natureza para o núcleo do desconhecido cosmo.

Eu me lembro da noite em que eu fiz no chão os cinco círculos concêntricos de fogo, e fiquei de pé dentro do mais interno deles cantando aquela litania monstruosa que o mensageiro do Tartáro⁶ havia trazido. As paredes desapareceram de súbito, e eu fui varrido por um vento negro para o meio de golfos de um cinza indescritível com os pináculos

⁵ No original, “alien”. [N.T.]

⁶ No original, “messenger from Tartary”. O Tártaro, segundo a mitologia grega, é a região mais profunda do submundo, i.e. dos infernos. Do grego *Tártaros*, pelo latim *Tartaru*. Em outra acepção, que não se aplica, os tártaros, provenientes da Tartária, região no centro da Ásia, onde hoje se estende a Federação Russa, são povos mongóis e túrcicos que, na Idade Média, invadiram o Oeste da Ásia e o Leste da Europa. [N.T.]

pontiagudos de montanhas desconhecidas milhas abaixo de mim. Algum tempo depois havia a escuridão absoluta, e ainda a luz de uma miríade de estrelas que formavam estranhas, alheias constelações. Eu vi, afinal, uma superfície de um verde-clarinho muito abaixo de mim, e distingi nela as torres retorcidas de uma cidade desenlegante que eu jamais havia ouvido falar, de que eu jamais havia lido a respeito ou com que eu jamais havia sonhado. À medida que eu flutuava para mais perto da cidade, eu vi um grande edifício quadrado de pedra em um espaço aberto, e senti um medo horroroso a me embrear. Eu gritei e esperneeí, e depois que uma branquidão absoluta estava novamente em meu sótão estatelado sobre os cinco círculos fosforescentes no chão. No passeio daquela noite não havia mais estranheza que em qualquer outro passeio de uma noite anterior; mas havia mais terror porque eu sabia que estava mais perto daqueles golfos e mundos exteriores do que alguma vez já houvesse estado. Dali em diante eu fiquei mais cauteloso com meus encantamentos, já que eu não tinha qualquer desejo de ter meu corpo decepado ou de ser arrancado da terra e jogado em abismos de onde eu jamais retornaria...

A Lovecraft Library deseja demonstrar sua gratidão a Patrick Swinkels por transcrever este texto.

Este texto foi convertido em PDF por Agha Yasir www.ech-pi-el.com e traduzido para o português por KA-AK-KIM www.contoaberto.org